

CONSTRUÇÃO CURRICULAR DIALOGADA: UMA NECESSIDADE EDUCACIONAL

Maria Estela Lima Silveira Framil¹, Gislene Coelho Lemos Alves, Jair de Jesus da Graça Guedes, Florença de Moura Braga Daniel, Maria Aparecida Flor Soares, Maria Angélica Gomes Maia, orientadora, Ronaldo Alexandre de Oliveira², co-orientador

¹Universidade do Vale do Paraíba/ Educação, Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 estela_framil@hotmail.com

²Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual, Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), km 380, Caixa Postal 6001. roliv1@uol.com.br

Resumo- Este artigo teve seu início norteado por questionamentos que levantavam dúvidas e hipóteses sobre como seria trabalhar com um currículo diferenciado, e que de fato, atendesse a demanda da comunidade onde a escola estivesse situada. Partindo desses questionamentos, iniciamos uma pesquisa no bairro Jardim São José II, localizado na zona Leste de São José dos Campos/SP, tendo como instituições pesquisadas, uma escola de ensino fundamental e uma instituição social, ambas nascidas para atender uma população formada por um processo de remoção e fixação de três favelas da cidade. Para efeito de análise optamos por entrevistas semi-estruturadas efetuadas com as lideranças da escola e da comunidade. Os dados nos mostram que a organização curricular quando trabalhada de forma conjunta e dialogada, tende a ser mais eficaz, do que quando trabalhada de forma prescritiva, homogeneizante pelos sistemas de ensino.

Palavras-chaves: currículo, educação não-formal, práticas educativas.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

Não há dúvida de que os resultados apontados pelos índices de mensuração do rendimento escolar têm denotado uma baixa qualidade e pouco aproveitamento dos alunos na escola, fato este, que fica evidenciado quando deparamos com alunos cursando o nível médio, ou mesmo adentrando na universidade com um questionável nível de domínio do processo de leitura e de escrita. Estudos recentes atribuem as formas como os currículos vêm sendo pensados e elaborados nas escolas como sendo um dos responsáveis por tal feito. Para Oliveira e Destro (2007), o fracasso escolar persiste porque as formas com que os currículos têm sido elaborados são prescritivas, homogeneizantes, centralizadas no Estado, porque demonstram um distanciamento entre avanços teóricos e avanços práticos, e porque apresentam sintomas da globalização das políticas educacionais. Ainda segundo as autoras, a abordagem metodológica desses estudos tem potencial para mostrar fundamentalmente o poder das chamadas "políticas oficiais" ou "hegemônicas" e das relações políticas no sentido global/local sobre os currículos escolares.

Sabemos que o currículo perpassa e vai além do planejamento, dos planos de aula e de cursos. Ele permeia todas as ações desenvolvidas na escola, está carregado de intenções e ideais de vida e de mundo, daqueles que pensaram, arquitetaram e o colocaram em curso.

“O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal - ele tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação”. (MOREIRA, 1992; pág.8) Pensar em currículo nesta dimensão é criar as possibilidades dos sujeitos se verem nele refletidos, pois assim, iniciativas, estratégias, caminhos pedagógicos e metodológicos farão sentido e tornarão possível a cada um em sua individualidade se enxergarem criadores em potencial.

Sendo assim, buscamos neste artigo entender de que forma a construção curricular pode ser determinante no sucesso ou fracasso escolar, procurando entender as relações que podemos estabelecer entre construção curricular, movimento social e qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos e numa unidade da FUNDHAS (Fundação Hélio Augusto de Souza), instituição que trabalham com crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, ambas as unidades situadas no bairro Jardim São José II, região periférica da cidade, trabalhando de forma integrada.

Para entender o trabalho de construção curricular que está sendo realizado nessas instituições, foi necessário conhecer o bairro, em que as mesmas estão situadas e realizam seu trabalho, por isso, procuramos nos adentrar na formação desse bairro.

Vale destacar que ambas as instituições foram criadas para atender um público advindo de um processo de desfavelização no ano de 2003. As famílias assentadas eram residentes das favelas: Nova Tatetuba, Caparaó e Nova Detroit e foram removidas para o bairro Jardim São José II, na região Leste de São José dos Campos. O objetivo da Prefeitura foi à construção de unidades habitacionais adequadas, provisão de infraestrutura e acessibilidade a serviços e equipamentos públicos, preservação da cidadania. Essa população que foi transferida para esse bairro, apresentava alta privação de saúde e habitabilidade, estava localizada em áreas de preservação ambiental, com grande declividade, solo de turfa (Tatetuba), área pública à margem de córrego (Detroit) e área sob linha de alta tensão da CESP – Centrais Elétricas de São Paulo (Caparaó), com registro de deslizamento e inundações. Para as famílias essa ação resultou em efetiva redução dos processos de exclusão social relacionados à saúde, educação, assistência social e habitação. No entanto, perguntamos de que forma a escola encara esta nova população formada com pessoas advindas de distintos contextos, culturas, hábitos, convivência? Como a escola atende distintas realidades, neste momento, agrupadas numa só área geográfica? Como construir um currículo para atender a essa diversidade cultural? A escola atende um público de 559 alunos do ensino fundamental, e a FUNDHAS atende 554 alunos, no período contrário ao da escola, buscando assim, atender esse público em tempo integral.

Os dados da pesquisa foram colhidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com a Diretora e Orientadora da Unidade escolar e com o Gestor da unidade da FUNDHAS, somada as realizadas com a comunidade (pais e alunos).

Resultados

A EMEF Prof. Rosa Tomita, que atende os alunos desta nova realidade, começou a funcionar no bairro em fevereiro de 2004 e pelas respostas dos sujeitos entrevistados percebemos que o início foi muito difícil, pois eram três comunidades distintas que lutavam pela liderança do mesmo espaço geográfico e de todas as relações ali estabelecidas. Os conflitos existentes na comunidade, refletiam no ambiente escolar e de acordo com os profissionais entrevistados neste início (2004), era quase impossível trabalhar na

escola. Vale ressaltar que o currículo posto em ação neste início de funcionamento em nada diferenciava dos demais seguidos por outras unidades escolares pertencentes à Rede Municipal de Ensino de São José dos campos.

Diante da situação que se agravava, começou-se a estudar um projeto especial para essa escola, que desse certo, que se adequasse a essa comunidade Foi construído, então, um currículo por meio de adaptações metodológicas, didáticas e administrativas, baseado na necessidade da mesma.

A partir de 2005 passou-se a trabalhar com esse projeto especial. No ciclo I, pouco se mexeu, a mudança maior foi no ciclo II, onde se via os maiores conflitos. O currículo projetado é totalmente diferenciado das outras escolas, têm-se dois grandes blocos de humanas e exatas. Tendo um professor para cada bloco. Tem que ser considerado que nessa escola procura-se criar um vínculo entre aluno e professor, tornando essa criança única. Muitas vezes o professor faz ou mesmo representa o papel da família que está ausente, pois às vezes membros da família se encontram em presídios ou mesmo em outras situações que alijam esta criança de uma estrutura familiar.

As salas de aulas dessa escola não podem ter mais do que 25 alunos, devido à concentração dessas crianças que é muito pequena, trazendo muitos problemas de casa, necessitando o professor aproveitar todo o momento que as mesmas se dispõem a aprender.

Faz parte do projeto da escola a turma de progressão, sendo realizada devido à defasagem do aluno tanto na aprendizagem quanto na idade. Essa turma reúne cerca de quinze alunos para recuperar o tempo perdido. Quando eles estão aptos a frequentar uma turma regular, são colocados nessa sala. Para um maior apoio ao professor é dado curso de formação, baseado nas dificuldades que ele enfrenta e também no rendimento dos alunos. Quando a escola pública dá apoio para a formação do professor, fazendo com que a atuação do mesmo tenha influência direta no rendimento dos alunos, ela está contribuindo para que essas crianças tenham uma melhor qualidade de ensino, além de contribuir para a democratização das oportunidades escolares. (LENHARD, 1985).

Para propiciar um atendimento em tempo integral a essa criança, advinda desta nova realidade, foi instalada a FUNDHAS outra instituição que atua nessa comunidade, que tem como objetivo desenvolver um projeto baseado na Educação Comunitária. Não basta só se preocupar com a qualidade de ensino dos alunos, deve-se entender que este aluno é um ser complexo, ele trás marcas, cicatrizes, esta inserido num contexto

social com características muito próprias. Portanto, não dá para ler e entender este aluno sem levar em consideração este lugar e todas as relações e influências que este absorve do mesmo e das suas interações. Essa instituição, não forma e nem programa computadores, isto quer dizer, que não olha todos da mesma maneira, busca ver e trabalhar com as singularidades de cada um, prepara pessoas para atuarem de forma consciente na sociedade em que vivem.

O projeto desenvolvido pela FUNDHAS está dentro de uma divisão chamada “Programa Arte e Educação”, atende crianças e adolescentes. Trabalha com dois referenciais teóricos: - Arte e Educação, e o outro referencial é o chamado Educomunicação.

Outro projeto que desenvolve no bairro é a Educação Comunitária. Conceitualmente a Educação Comunitária é buscada na Escola Aprendiz, do Gilberto Dimenstein, que funciona na Vila Madalena em São Paulo, que é uma idéia que fala da comunidade da aprendizagem. Ou seja, não é só o professor o responsável pela formação da criança. A idéia é chegar à padaria do bairro e perguntar: - E aí? O que você faz aqui? – Faço pão e educação. Trabalha com a perspectiva de Educação Comunitária.

Não é dado curso, e sim atividades orientadas para desenvolver habilidades específicas. Ou seja, são atividades que se utilizam do recurso da fotografia para formar a identidade crítica, participativa do adolescente. O teatro para formar a questão da expressão corporal e da participação do adolescente. A dança como artifício para desenvolver o adolescente e ajudá-lo a resolver alguns conflitos dessa fase.

Entende-se que a questão do ensino aprendizagem é consequência de uma adequação social que o adolescente sofre mediante o trabalho que se desenvolve com os mesmos, com a família e com a comunidade.

O sucesso do programa deve-se também a aceitação da comunidade que é muito articulada. Tudo que tem nesse bairro é mérito do povo dessa comunidade. Ensina-nos Jezine (2007), que os movimentos sociais, não são invenções das classes populares. Eles nascem da insatisfação por parte de determinada classe ou grupo social, um protesto diante do confronto ideológico entre um e outro segmento social, sendo útil para a formação de pessoas abertas, tolerantes e para o desenvolvimento de uma visão de conjunto, integrada, útil ao domínio e a utilização do conhecimento.

Discussão

A partir da análise do currículo diferenciado desenvolvido nessas instituições e de entrevista qualitativa semi-estruturada com a diretora e

orientadora da escola municipal, com o gestor da FUNDHAS e com a comunidade (pais e alunos), pudemos afirmar que, com esse currículo diferenciado realmente se cria um vínculo entre professor e aluno, refletindo na aprendizagem, sendo o rendimento, dessa comunidade complexa, compatível ao de algumas escolas municipais consideradas referência na cidade de São José dos Campos. Do ponto de vista disciplinar, o comportamento dos alunos atualmente não é considerado algo conflitante. Vê-se comportamento típico de qualquer criança ou adolescente. A porcentagem de pais que freqüentam as unidades de educação é expressiva, tendo aumentado gradativamente desde o início dos projetos. A escola contribui para a formação e atuação do professor, por meio de estratégias desenvolvidas na própria unidade escolar que visa sanar dificuldades enfrentadas no cotidiano. Alunos que têm defasagem tanto na aprendizagem quanto na idade, estão recuperando o tempo perdido por meio de estratégias diferenciadas que os capacitam a voltar para as salas regulares de ensino.

Afirma Piletti (1991) que é preciso um trabalho de inclusão dos alunos (como foi feito nas unidades já citadas), utilizando-se de projetos que dão certo.

A presença dos pais sendo algo expressivo nessas unidades é de real importância, pois estudos já revelaram que a participação dos mesmos no acompanhamento escolar das crianças tem influência direta nos resultados obtidos por esses alunos.

Esta postura de participação da comunidade, sendo um elemento agregador e de sucesso para com a construção curricular, nos leva até as reflexões de Elba Siqueira de Sá Barreto (2000, p. 15), colocadas pelas pesquisadoras Ozerina Victor de Oliveira e Denise de Souza Destro no artigo *Estudos de políticas curriculares e suas implicações metodológicas*.

Neste artigo, elas fazem uma análise das práticas curriculares implementadas por políticas de governos nas duas últimas décadas do século XX no Brasil. Em seu estudo, ela admite que, apesar de as propostas terem assumido um discurso democrático [...] as características de insucesso escolar da maioria da população pouco se alteraram, visto que as mudanças preconizadas e implementadas no período não afetaram profundamente as questões estruturais dos sistemas públicos de ensino, responsáveis, em proporção significativa, pelos seus altos índices de fracasso.

Segundo Oliveira e Destro (2005), a pesquisadora, Elba Siqueira de Sá Barreto, associa esses resultados às políticas educacionais públicas, por elas serem prescritivas, homogeneizantes e centralizadas no Estado, e

também devido aos seus mecanismos de divulgação (livros didáticos), implementação (capacitação de docentes à distância) e controle (avaliação externa). Apesar da autora não fazer uso da denominação "políticas curriculares públicas", entendemos, no entanto, que as mesmas características podem ser igualmente atribuídas a tais políticas.

É interessante pensarmos e também podermos aferir que a prática que foi se instituindo na unidade escolar estudada nos mostra que o pensar conjunto com a comunidade, a reflexão coletiva, a não padronização do currículo foi algo positivo e o diferencial para se poder pensar práticas curriculares mais eficazes. Concebendo a idéia de currículo aqui, como um artefato que vai se fazendo na ação, juntamente com aqueles que estão envolvidos, de acordo com as necessidades do local, respeitando a ambiência cultural, distante de modelos prescritivos, homogeneizantes, como quer Barreto, e partindo para um processo construtivo, que confere a cada um que dele participa, o sentido de autoria, de criador, pois quem melhor poderá desenhar o currículo, se não aqueles que vivem, conhecem, participam da vida da escola e da cultura que nela pulsa e se constrói cotidianamente?

Neste sentido e utilizando ainda das idéias de Oliveira e Destro (2005), elas apontam para aquilo que Moreira (1998, p. 30) "*anteriormente, já havia sugerido uma forte relação entre desafios educacionais, teoria curricular e política curricular. Ao fazer um balanço da crise da teoria crítica de currículo, colocando como sintoma dessa crise o distanciamento entre avanços teóricos e avanços práticos, ele recomenda que "os curricularistas atuem nas diferentes instâncias da prática curricular, participando da elaboração de políticas públicas de currículo, acompanhando a implementação das propostas e realizando estudos nas escolas que avaliem essa implementação". Dessa forma, esse autor coloca em pauta a necessidade não só de os pesquisadores em currículo atuarem em políticas públicas como fundamentalmente de direcionarem seus esforços de pesquisa para as políticas curriculares.*"

Pudemos por meio desta pesquisa, entender exatamente este distanciamento entre teoria e prática falado, pois só a partir do momento em que a escola teve a possibilidade de tomar para si, o destino e o desenho do seu currículo, considerando a cultura e aqueles para quem a escola foi criada, é que o projeto curricular acabou por mostrar melhores resultados e rendimentos.

Conclusão

O presente estudo nos ajudou a compreender o importante e determinante papel que assume a

comunidade educativa para com a construção de um currículo que realmente esteja conectado com as necessidades e determinações da cultura para onde aquele currículo esteja sendo concebido. Pudemos ver que um currículo quando trabalhado de forma diferenciada, atendendo a demanda da comunidade em que atua, traz resultados satisfatórios para a aprendizagem do aluno, bem como a participação da família no ambiente escolar de suas crianças têm influência direta nos resultados obtidos por esses alunos.

A adoção de uma atitude positiva frente às dificuldades advindas das relações de nossos alunos com sua comunidade têm implicações sérias para a construção de oportunidades de aprendizagem no ambiente escolar e, conseqüentemente para o que esses alunos terão oportunidade de aprender na escola.

Este estudo, permite-nos ainda alertar a todos nós profissionais da educação, para a necessidade de cada vez mais buscarmos construir nossos currículos dialogando com todos aqueles que fazem parte da cultura escolar. Sinalizando o quanto a hegemonia dos currículos prescritos pelos sistemas de educação não satisfazem, nem colaboram por uma educação que quer ser democrática, humana e estreitamente engajada no lugar, para as pessoas e com as pessoas para quem está sendo pensada.

Referências

- JEZINE, Edineide. Currículo e Movimentos Sociais. Novas Perspectivas a velhos desafios. João Pessoa. Disponível em:
- OLIVEIRA, Ozerina Victor de, Destro, Denise de Souza. Política curricular como política cultural: uma abordagem metodológica de pesquisa. *Rev. Bras. Educ.*, Jan./Apr. 2005, no.28, p.140-150.
- PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. São Paulo, Ática, 1991.
- SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores: um estudo sobre o cotidiano escolar. São Paulo. Disponível em: <http://www.anped.org.br/27/gt20/t201...>. Acesso em: 17 de nov. 2006